



# HOSTILIDADE À SOGRA: NEGAÇÃO DE UMA COMPULSÃO INCESTUOSA.

Edson Leandro de Almeida<sup>1</sup>

## Resumo.

A compreensão das relações humanas nem sempre se dá de maneira clara e fácil, algumas relações em especial apresentam um tal grau de complexidade e tensão que nos instigam a tentar encontrar caminhos que ajudem a melhor compreendê-las. A relação conflituosa genro-sogra, é apresentada por alguns pensadores como resultante do medo (inconsciente) de incesto entre estes indivíduos, sendo esse grau de incesto classificado como o de mais difícil análise. Freud, ao estudar esta relação entre clãs totêmicos da Austrália e África, fornece-nos valiosas contribuições para a melhor compreensão deste conflito, buscando mostrar que tanto esse caso de possibilidade incestuosa, como outros estão ligados à um fenômeno caro para a psicanálise, o Complexo de Édipo. O presente trabalho objetiva fazer um singelo diálogo com autores que se debruçaram sobre este tema e tentar lançar algumas luzes sobre as nuances da relação genro-sogra e seus conflitos. Para tanto, utilizaremos-nos da pesquisa bibliográfica de renomados pensadores do tema: Sigmund Freud, Engels, Pontes, dentre outros. Percebemos a partir deste trabalho que a relação tensa entre genro e sogra vai muito além dos motivos aparentes cogitados por nossa sociedade de rivalidade e antipatia é muito mais complexa e mesmo ambivalente e sua origem remonta aos primórdios das sociedades humanas.

**Palavras-Chave:** incesto, relações humanas, conflitos, genro-sogra.

## Abstract

The understanding of the human relationships not always it gives in a clear and easy way, some relationships especially present a such complexity degree and tension that instigate us to try to find roads that help the best to understand them. The relationship conflicting son-in-law-mother-in-law is presented by some thinkers as resultant of the fear (unconscious) of incest among these individuals, being that incest degree classified as the one of more difficult analysis. Freud, when studying this relationship between clans of certain primitive societies of Australia and Africa, supplied valuable contributions for the best understanding of this conflict, looking for to show that so much that case of incestuous possibility, as others are tied up to an expensive phenomenon for the psychoanalysis, the Oedipus Complex. The present work objectifies to do a simple dialogue with authors that studied on this theme and to try to throw some lights on the relationship son-in-law-mother-in-law's subtle difference and its conflicts. For so much, we will use of the renowned thinkers of the theme bibliographical research: Sigmund Freud, Frazer, Engels, Pontes, among others. We noticed starting from this work that the conflicting relationship between son-in-law- and mother-in-law is going a lot besides the apparent reasons, cogitated by our society, of rivalry and dislike is much more complex and same ambivalent and its origin repairs to the beginnings of the human societies.

**Key word:** incest, human relationships, conflicts, son-in-law-mother-in-law.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando em Ensino de História da FABEJA/AEB; E-mail: <edsonecumenico@hotmail.com>



### **INTRODUÇÃO**

A relação entre sogra e genro caracteriza-se, em geral, por ser conflituosa e geradora de diversos conflitos no seio das famílias. Em especial a imagem da sogra sofre, em nossa sociedade moderna, diversas discriminações sendo constantemente motivo de piadas de cunho pejorativo. Esta hostilidade mútua entre a sogra e o genro era muito mais intensa nas sociedades primitivas e também naquelas sociedades que mesmo em nossos tempos ainda conservam práticas primitivas, em especial, como demonstram os estudos de Frazer e Freud, nas sociedades totêmicas da Austrália. Nessas sociedades era proibido qualquer contato entre esses dois sujeitos, em algumas tribos totêmicas, assim como em algumas tribos do Brasil, nem o nome um do outro podiam pronunciar. Essas normas que evitavam o contato entre sogra e genro tinham como principal motivo proteger contra uma possível relação incestuosa entre ambos, e também colaborava com a harmonia grupal.

Para compreendermos melhor as diversas faces desta relação nos debruçaremos sobre alguns temas que nos ajudaram a melhor compreender suas especificidades. Assim dividiremos nosso estudo em três partes, na primeira iremos buscar conhecer os fundamentos e a origem da exogamia. Em seguida refletiremos a respeito do incesto e do Complexo de Édipo. Tendo conhecido melhor estes conceitos iremos tentar lançar algumas luzes sobre a relação genro-sogra.

Percebemos que a relação entre sogra e genro não se caracteriza unicamente por sentimentos de hostilidade e rivalidade, mas também traz em si sentimentos de empatia e atração, é assim, uma relação ambivalente onde estão presentes impulsos inconscientes de repulsa e desejo. Tais desejos são necessariamente incestuosos, e caracterizam-se por assemelharem-se aos primeiros desejos sexuais dos homens, que são segundo Freud (1996, p.34), “invariavelmente incestuosos”.

### **EXOAMIA NAS SOCIEDADES TOTÊMICAS**

A instituição da exogamia nas sociedades totêmicas tinha como motivação principal a proteção contra as relações incestuosas dentro dos clãs. Porém para garantirem



relacionamentos exógamos estas tribos criavam mecanismos internos que definiam as possibilidades de casamento destes povos. Assim eles determinavam que uma pessoa de determinado clã poderia casar-se com outra de um reduzido número de clãs, destes estavam excluídos o seu próprio clã e ainda outros por eles indicados.

O parentesco não era definido por consaguinidade, pelo menos da maneira como conhecemos hoje, mas determinado pelo ser totêmico. O centro da vida destas comunidades era o seu totem, cada clã possuía um totem e este regulava as leis internas do grupo, de modo especial as possibilidades de matrimônio entre os pares. Assim uma pessoa não poderia casar-se com outra que pertencesse ao mesmo totem. O totem era considerado o ancestral comum dos indivíduos do clã, por isso mesmo não se permitia casamento entre pessoas do mesmo clã, pois se todos descendiam de um mesmo ancestral, o totem-pai, eram todos irmãos entre si.

Havia ainda uma classificação para determinar as possibilidades de casamento entre os indivíduos dos diversos clãs de uma tribo, de maneira que se reduzia bastante as possibilidades de relacionamento afetivo, mesmo com todas essas instituições ainda havia brechas que possibilitavam o casamento entre duas pessoas que normalmente seriam proibidas. Uma destas possibilidades era exatamente a do relacionamento da sogra com o genro, isso se dava dependendo de quem descendia a linhagem totêmica, que em geral descendia da mulher, mas posteriormente tendeu a descender do homem. Então para garantir que não houvesse tais relações incestuosas criavam-se inúmeras regras de evitação, que proibiam qualquer contato entre pessoas sobre as quais recaíssem tais regras. Também Darwin apud Freud (1996, p.131), ao falar da horda irá lançar base para que outros estudiosos do tema pudessem compreender, não totalmente devido à complexidade do tema, o surgimento da exogamia.

### **ORIGEM DA EXOGAMIA**

A origem das relações exógamas não é de todo esclarecida. Para Durkheim (...) as regras que regiam o totemismo envolveriam, necessariamente, as normas que estabeleceriam a exogamia. Uma teoria que aponta algumas luzes sobre tal origem baseia-se na teoria darwiniana, a origem da exogamia, segundo esta teoria, estaria na evolução da



organização social dos povos primitivos. Em princípio havia a horda, uma organização sem leis, sem regras sociais, onde o que imperava era a desordem. Neste tipo de grupo, predominava o papel do pai, este comandava todo o grupo e a ele pertenciam todas as mulheres, para garantir sua supremacia ele matava ou expulsava para longe do grupo os mais jovens, para que estes não viessem a ficar com as mulheres que pertenciam ao pai. Porém esses jovens, que passavam a viver isolados, ao encontrarem outras fêmeas começavam um novo grupo, uma nova horda, e transferiam as mesmas normas do pai anterior. Com o passar das gerações essas regras tornaram-se normas respeitadas por todos, assim ninguém casa com as mulheres do clã totêmico.

Neste sentido a exogamia como norma das sociedades totêmicas tem uma enorme semelhança com o complexo edipiano, em seus dois principais elementos, ter a mãe e as irmãs como objeto sexual e para realizar tal desejo é necessário eliminar o pai. Ao mesmo tempo em que se estipula normas que proíbem casar-se com uma mulher do mesmo totem, proíbe-se também o assassinato do animal totêmico.

### **O HORROR AO INCESTO: NORMA CULTURAL OU REPULSA NATURAL?**

O incesto é uma das proibições mais antigas nas relações do homem com seus semelhantes e está ligado as mais primitivas leis religiosas e sociais. O estudo do caso foi empreendido por inúmeros estudiosos da sociologia, antropologia, psicologia entre outras ciências. O horror que as relações incestuosas despertam nos seres humanos, segundo a maioria dos pensadores do assunto, tem sua origem nas sociedades totêmicas primitivas. Nessas sociedades as leis que protegiam contra o incesto correspondiam à maioria de suas normas, daí notamos a importância que esta norma tinha para os antigos, se compararmos aos nossos dias onde há pouquíssimas referências em nossas leis que tratam da questão do incesto, o art. 1521 do Código Civil regulamenta a respeito dos impedimentos em contrair matrimônio, e inclui o impedimento de casar entre afins em linha reta, onde se inclui o genro e sua sogra.

De acordo com Westermack o horror ao incesto seria um sentimento natural de todo ser humano, pois em todas as sociedades esta relação é abominada, e com o tempo essa prática seria incorporada pelo costume e pela lei.



Há uma aversão inata às relações sexuais entre pessoas que vivem juntas com muita intimidade desde a infância e que, como essas pessoas são, na maioria dos casos, aparentadas pelo sangue, esse sentimento naturalmente apareceria no costume e na lei como um horror à relação sexual entre parentes próximos (WESTERMACK apud FREUD, p.128).

Essa teoria encontrará forte resistência de grande parte dos estudiosos do assunto, que ao contrário de Westermarck, consideram o horror ao incesto não uma aversão natural e inerente ao ser humano, mas antes uma norma cultural que garantiria a ordem na sociedade. De acordo com Frazer:

Não é fácil perceber porque qualquer instinto humano profundo deva necessitar ser reforçado pela lei. Não há lei que ordene aos homens comer e beber e os proíba de colocar as mãos no fogo. Os homens comem e bebem e matem as mãos afastadas do fogo instintivamente por temor a penalidades naturais (...) podemos sempre com segurança pressupor que os crimes proibidos pela lei são crimes que muitos homens têm uma propensão natural a cometer. Se não existisse tal propensão, não haveria tais crimes e se esses crimes não fossem cometidos, que necessidade haveria de proibi-los? (FRAZER apud FREUD, 1996, p.129).

Também a teoria freudiana contrapõe-se às idéias de Westermack, pois considera que as pulsões sexuais infantis são incestuosas, confrontando a teoria de que a aversão ao incesto seria natural no homem, nesse sentido declara Freud (1996, p.129), “que as mais precoces excitações sexuais dos seres humanos muito novos são invariavelmente de caráter incestuoso.”

Outra excelente contribuição do assunto nos é dada por Lévi-Strauss, ele não admite a origem da proibição do incesto como fenômeno meramente da ordem da natureza, nem tampouco exclusivamente da ordem cultural. Na sua análise, Lévi-Strauss define natural aquilo que tem caráter universal, ou seja, aquilo que está presente em todos os povos, e cultural aquilo que é particular, relativo e necessita de uma norma que exerça coerção nos indivíduos de um determinado grupo social. Nesse sentido a proibição do incesto se insere tanto na ordem natural como na cultural, é cultural devido a sua coercitividade e natural por sua universalidade. De acordo com Lévi-Strauss apud Pontes (2004, p.10):

A proibição do incesto segue sendo um fenômeno que não tem origem puramente cultural, nem puramente natural, e tampouco é um composto de elementos tomados em parte da natureza e em parte da cultura. Constitui o movimento fundamental através do qual se faz a passagem da natureza a cultura.



### O TABU DO INCESTO E O COMPLEXO DE ÉDIPPO

Ao observar as tribos totêmicas da Austrália e África, Freud verifica que estes povos tem um horror excessivo contra as relações sexuais incestuosas e um respeito honroso em relação ao ser totêmico, e criam diversas regras de evitação para garantir a ordem no grupo. Em sua análise ele percebe haver uma intensa semelhança entre estas regras de evitação contra relações incestuosas e as reflexões da psicanálise do complexo de Édipo, que é considerado por Freud como centro das neuroses no homem.

O complexo de Édipo é um processo pelo qual todos nós passamos por volta do terceiro ou quarto ano de idade. Esta teoria psicológica toma como motivação a lenda mitológica de Édipo, e “tenta explicar o amor do filho pela mãe e o ódio, ou desejo de morte (ódio) pelo pai” (NASIO, 2007). Na mitologia grega Édipo era filho de Laio, rei de Tebas, este havia recebido uma profecia de que uma terrível desgraça se abateria sobre seu trono se por acaso deixasse crescer seu filho recém-nascido, influenciado por tal profecia, Laio ordena que seja morto seu filho e manda que um pastor se encarregue de sua execução, o pastor, no entanto tem compaixão da criança e a amarra em uma árvore, um camponês encontra a criança e a leva para casa de seus patrões que lhe dão o nome de Édipo.

Determinado dia Laio dirigia-se para Delfos, quando no caminho encontra um jovem que se recusa a sair do caminho para dar-lhe passagem, inicia-se uma confusão entre eles e o jovem Édipo assassina o rei Laio, que era seu pai biológico, ambos, porém, ignoravam este fato.

A cidade de Tebas estava sendo afligida por um monstro, Esfinge, que propunha um enigma aos habitantes e visitantes desta cidade e determinava que aqueles que o decifrassem sobreviveriam, mas quem não conseguisse decifrar morreria, Édipo decide enfrentar a Esfinge, e esta lhe propõe o seguinte enigma. Qual é o animal que de manhã anda de quatro pés, à tarde com dois e à noite com três? Édipo responde que é o homem, que quando criança engatinha sobre os quatro membros, ao crescer anda sobre os dois pés e ao tornar-se velho necessita do auxílio de uma bengala. O monstro, sentindo-se humilhado, atira-se do alto do rochedo e morre. Os cidadãos de Tebas proclamam Édipo como seu rei, dando-lhe a rainha Jocasta como esposa. Assim Édipo torna-se marido de sua própria mãe. Algum tempo depois lhes é revelado por um oráculo que ambos são mãe e filho, Jocasta suicida-se e Édipo enlouquece.



Édipo odiou seu pai e o matou, depois amou sua mãe casando-se com ela, um processo semelhante ocorre com a criança, é o Complexo de Édipo. Compreender esta teoria psicanalítica nos ajudará a melhor entender os complexos mecanismos psíquicos que estão presentes na relação entre genro e sogra.

Na fala da professora Clemens (2010), sobre o complexo de Édipo:

Esse conceito de desejo incestuoso sobre nossos pais ocorre por processos que são diferentes entre os meninos e as meninas.

Para o menino a entrada para o Édipo é direta, neste período o menino começa a criar fantasias e desperta um olhar diferente sobre sua mãe, começa a vê-la com desejo sexual e cria fantasias com ela. Seu desejo é possuir e ser possuído pela mãe. Já para o pai ele cria uma fantasia de rivalidade, quer suprimir o corpo do pai. Ele tem como objetivo possuir e ser possuído pela mãe, no entanto tem o pai que os impedem (...) Sobre seu corpo ele acredita que todos são iguais e todos têm o órgão mais poderoso: o pênis. Onde o pênis, Falo, é um símbolo de potência, de orgulho e de prazer, porém ele percebe que não são todos que tem o pênis. Então começa a pensar que se alguém perdeu é por um meio de castigo (castração). Ele tem medo de perder a parte mais importante de seu corpo, o Falo, então decide abrir mão dos desejos que sente pela mãe para garantir o seu Falo.

Vemos como ocorre o complexo de Édipo no menino, onde ele nutre desejos sexuais pela mãe e de rivalidade em relação ao pai. Ao descobrir a importância do Falo, que “seria o pênis fantasiado, idealizado símbolo da onipotência” (NASIO apud CLEMENS, p. 3), o menino renuncia aos seus desejos por medo de perder o Falo. Vejamos ainda a fala da psicanalista Clemens (2010), sobre como ocorre o Édipo na menina.

O Édipo para a menina é um pouco mais trabalhoso, a menina não entra direto no Édipo como o menino antes ela passa pelo pré - Édipo, porém a menina também tem fantasias e desejos incestuosos. No pré - Édipo ela faz o mesmo processo com o seu olhar sobre a sua mãe, obtém o desejo de possuí-la. Neste período que ela quer possuir sua mãe ela acredita que também possui o Falo, o símbolo de potência e orgulho, logo descobre que não possui o Falo e sofre pela privação de não tê-lo. Apesar de não possuir o Falo a menina ainda acredita que sua mãe o possui, portanto se sua mãe tem, ela também o terá, mais terá que esperar crescer. A menina então descobre que a mãe também não tem o Falo. Mais uma decepção para a menina, só que agora ela sente traída pela sua própria mãe julgando-a que ela já sabia que as meninas não possuem o Falo e que poderia ter evitado mais uma decepção para ela, evitando assim seu sofrimento. A primeira decepção que a menina tem com a mãe é quando a mãe faz o desmame e a segunda é a privação do Falo.

A menina esperta quer ter o Falo só que ela nunca o terá, foca seu olhar agora para o seu pai quer possuir o Falo e deseja ser possuída por ele. O pai a recusa e ela começa a desenvolver a inveja do Falo. Ela agora quer ser o Falo, neste período ela se identifica com sua mãe e começa a ter características e ações femininas.



### **A RELAÇÃO GENRO-SOGRA**

A relação do homem com sua sogra parece-nos uma das de maior complexidade devido aos conflitos sempre presentes entre estes dois entes que passam a relacionar-se por força de uma realidade existente devido a um outro relacionamento, o do homem com sua esposa e filha de sua sogra. Isso é perceptível através da ocorrência desta temática nos diversos modos de expressões sociais: na comédia é um tema central de piadas e anedotas, que sempre procuram denegrir a imagem da sogra, tornando-a motivo de inúmeras chacotas; na tele-dramaturgia sempre é retratada a figura da sogra e o seu relacionamento com o genro; também na literatura, na poesia, no cinema.

De acordo com Sigmund Freud (1913, p.33) “quase não comporta dúvida o fato de que alguma coisa na relação psicológica da sogra com o seu genro cria hostilidade entre eles e se torna difícil a convivência”. A figura destes dois indivíduos recebe uma determinada caracterização psicológica um do outro que os leva a manter uma relação marcada por conflitos e tensões.

Os motivos para uma convivência conflituosa entre a sogra e seu genro parecem, ao menos analisando de maneira mais direta e superficial, de fácil averiguação. Freud (1996, p. 34) vai dar-nos algumas indicações destas motivações ou impulsos. Segundo ele um primeiro impulso está ligado a relutância da sogra em ter que abrir mão da posse da filha, e ter que entregá-la aos cuidados de um estranho em quem não confia e ao mesmo tempo significa a possibilidade de perder o domínio que sempre exerceu em sua casa. Já da parte do genro está o desejo de não mais submeter-se a vontade de outrem, como também alimenta um ciúme por parte de alguém que durante muito tempo e de forma intensa recebeu os impulsos afetivos de sua esposa, ainda um ponto de mais difícil observação, porém bastante significativo, nas palavras de Freud (1996, p.33) “a resistência a algo que interfere na supervalorização ilusória originada de seus sentimentos sexuais”, ou seja, o homem olha para sua esposa e vê nela a imagem de sua sogra, porém dotada de atributos físicos e espiritualidade jovial que fazem com que ela se torne imensamente atraente para ele, porém visualiza na sogra a possível imagem futura de sua própria esposa e isso lhe traz sentimentos repulsivos, os quais ele transfere para a sogra.



### Uma relação ambivalente

Contudo para além de ser uma relação tão somente marcada pela hostilidade é antes uma relação ambivalente, pois se por um lado caracteriza-se pela indiferença dos dois indivíduos, sogra e genro, essa indiferença parece ser, em geral, uma negação ou, antes uma garantia contra um impulso afetivo que um desperta no outro. Caso não se crie este clima de rivalidade e antipatia corre-se o sério risco de dar vazão a estes sentimentos afetivos e chegar a um envolvimento sentimental e sexual, o que para a sociedade seria algo repugnante por tratar-se de uma relação incestuosa.

Ao estudar as relações humanas em sociedades totêmicas Sigmund (1913, p.30), declara que a regra de evitação de relações incestuosas entre um homem e sua sogra é a mais difundida e rigorosa e de grande interesse para as sociedades civilizadas. Tal evitação é muito freqüente na Austrália, Melanésia, Polinésia e entre as raças negras da África.

Segundo Frazer *apud* Freud (1996, p.

Entre os melanésios das Ilhas Banks, essas regras de evitação são muito severas e minuciosas. Um homem não deve chegar perto da mãe de sua esposa, nem ela dele. Se acontece os dois se encontrarem no caminho, a mulher se desvia e fica de costas até que ele tenha passado ou, talvez, se for mais conveniente, será ele que se afastará do caminho. Em Vanua Lava, (...), o genro e a sogra podem falar-se a uma certa distância, mas uma mulher em nenhuma circunstância menciona o nome do marido de sua filha, nem ele o dela.

Percebemos pela fala do renomado psicanalista que o tratamento mútuo entre genro e sogra nestas sociedades totêmicas é muito mais rigorosa do que em nossa sociedade atual e a base destas evitações é, sem dúvida, o receio de um possível relacionamento afetivo e conseqüentemente incestuoso.

Entre os povos bantos um homem deve evitar a todo custo a companhia de sua sogra, não devendo entrar na cabana onde esta se encontra, e se vierem a encontrar-se num caminho um dos dois deve desviar-se, muitas vezes a mulher esconde-se atrás de um arbusto e o homem cobre o rosto com seu escudo. Além disso, toda a comunicação entre os dois, que deve dar-se a través de terceiros ou gritando um para o outro a certa distância, mesmo nestes dois casos deve-se ter uma barreira qualquer entre ambos, e não podem pronunciar o nome um do outro, (FREUD, 1996). Essas inúmeras regras de evitações fazem parte de um sem número de regras do sistema totêmico, onde sua principal função é



salvaguardar os clãs contra as possibilidades de envolvimento incestuosos, preocupação esta que está na base do totemismo.

Se para estes povos era tão real a possibilidade de relações incestuosas entre sogra e genro, de modo que se buscavam inúmeras maneiras de evitá-la, não só neste caso, mas em todos os possíveis casos de incesto, podemos concluir que tais compulsões ainda são presentes no homem de nossa sociedade civilizada, então talvez, como cogita o próprio Freud (1996, p.32), se tais normas de evitação ainda hoje existissem muitos conflitos familiares provindos do conturbado relacionamento entre genro e sogra seriam logo evitados, uma vez que ambos os sujeitos teriam seus contados tolhidos por regras de evitação.

O presente trabalho apresentou inúmeras dificuldades, principalmente por carecer de literatura que abordasse este tema com maior ênfase e, assim, nos fornecesse um maior número de conclusões para que pudéssemos desenvolver tal empreendimento. Dos autores que dispensaram alguma atenção a essa temática temos basicamente, ou que conseguimos tomar conhecimento, Freud e Frazer. Outros teóricos nos ajudam neste trabalho não diretamente, pois não se detém diretamente a relação genro-sogra, mas em seus tratados sobre o incesto apontam alguns caminhos auxiliares, entre eles podemos citar Westermarck, Lévi-Strauss, Nasio, Pontes e Clemens, ainda outras fontes culturais nos ajudam a pensar sobre essa temática. Na literatura, o tema é abordado de maneira específica no romance de Rachel de Queiroz, *Dora Doralina*, o livro dividido em três partes onde Dora narra sua história de vida na fazenda 'soledade', a primeira parte que é a que nos interessa é o "Livro da Senhora", onde 'Senhora', mãe de Dôra envolve-se amorosamente com o marido da filha, Laurindo, um homem sem caráter que casa-se com Dora só por interesses financeiros e é morto misteriosamente. Um filme homônimo é produzido baseado no livro de Raquel de Queiroz. Também na literatura erótica o tema é bastante presente, como uma fantasia que muitos desejariam realizar. É também muito comumente relatada esta relação incestuosa entre diversas lendas indígenas dos povos nativos do Brasil e da América do Sul.

Entre os índios Makuschi, que habitam a região de Roraima, há uma lenda de "uma sogra (...) muito indecente em relação ao seu genro" (KOCH-GRÜNBERG. 2006, p.148). Entre os Iquitos, para explicar o mito do surgimento da Lua, eles contam que havia uma mulher à qual o marido tinha viajado, toda noite um homem ia deitar-se com ela, mas por causa do escuro ela não conseguia reconhecê-lo, decidiu então manchar seu rosto com tinta preta de jenipapo, ao raiar do dia percebe que o rosto manchado de preto era do seu genro, Lua é morto e sua cabeça é dependurada no céu para que seja lembrado (BELAUNDE, 2006,



p.07). Em outras tribos sobre o mito Lua, a mulher com quem ele se relaciona é a irmã e outras vezes a filha.

Diante destes diversos relatos sobre a relação afetiva entre genro e sogra podemos nos indagar sobre os fatores psicoemocionais que **impulsionam** tal envolvimento. Segundo Freud (1996, p.34),

Descobre-se geralmente que ele (o homem) escolheu a mãe como objeto de amor, e talvez a irmã também, antes de chegar à escolha final. Por causa da barreira que existe contra o incesto, seu amor é desviado das duas figuras sobre quem sua feição se centralizava na infância para um objeto externo modelado sobre elas. O lugar de sua própria mãe, que é também mãe de sua irmã, é assumido pela sogra. Ele tem um impulso de recair em sua escolha original, embora tudo nele lute contra isso.

Na fala de Freud o envolvimento afetivo com a sogra surge de um desejo de reviver as experiências da infância, quando o menino desejava ter sua mãe e depois sua irmã, então ele vê na sogra a imagem materna da infância, uma vez que esta, por ser a mãe de sua esposa e ter idade de ser sua mãe, surge como um ser realizador de seus desejos, porém mais uma vez ele depara-se, como quando desejava sua mãe e irmã, com a impossibilidade de possuir seu objeto de desejo, pois também este é proibido. Ele então necessita negar seus desejos. Outro fato colocado por Sigmund Freud, para explicar o desejo incestuoso por parte do genro, situa-se na razão de que este novo objeto de desejo não esteve presente no decorrer de sua vida, o que dificulta a aceitação da não realização de sua pulsão incestuosa.

Já do lado da sogra os motivos que a levam a desejar o objeto de amor da filha, são outros.

Uma mulher cujas necessidades psicosexuais deveriam encontrar satisfação no casamento e na vida de família é muitas vezes ameaçada pelo perigo de ficar insatisfeita porque sua relação matrimonial chegou a um fim prematuro e por causa da monotonia de sua vida emocional. Uma mãe, à medida que envelhece, se salva disso colocando-se a si própria no lugar dos filhos, identificando-se com eles; e isso ela faz tornando suas as experiências emocionais deles (FREUD. 1996, p.34).

Essa identificação simpática com as experiências emocionais da filha pode ir tão longe ao ponto de passar a desejar o homem que a filha ama, isso causa nela tormentos imensos, ela então transfere a crueldade destes sentimentos para o genro, no intuito, inconsciente, de reprimir o impulso incestuoso.



Vemos então que a relação entre o genro e sua sogra é muitas vezes ambivalente, ora regido por sentimentos de repulsa, ora de empatia e atração, que para serem negados transformam-se em sentimentos de rejeição e agressão mútua.

### CONCLUSÃO

Cabe-nos concluir que pudemos perceber de maneira mais específica a intrigante relação existente entre genro e sogra. Muito há ainda que descobriremos sobre as motivações inconscientes que permeiam estes dois sujeitos que se relacionam, este singelo trabalho pretendeu simplesmente trazer a tona as contribuições dos diversos pensadores do assunto, buscando reunir suas postulações de maneira a desvelar os mecanismos psicológicos que constituem tal relação.

Nesse intuito buscamos conhecer melhor a instituição da exogamia como extremamente ligada a origem do totemismo. Compreender que o horror ao incesto não é tão somente, uma atitude natural e inerente ao ser humano, mas antes uma construção cultural que visa manter determinado nível de ordem na sociedade humana. Também nos detemos na reflexão do Complexo de Édipo, como uma fase que todos nós passamos e nos casos onde envolve o relacionamento da sogra com o genro este sentimento é revivido por parte deste último.

A relação sogra-genro tem recebido nos dias atuais uma caracterização puramente hostil e marcada fortemente pela rivalidade entre ambos, neste singelo trabalho pudemos perceber que para além dessa hostilidade, há nessa relação sentimentos de afinidade que se não sofrerem processos de castração resultarão em uma relação incestuosa. Percebemos assim que esta convivência é antes ambivalente, marcadas por sentimentos de rejeição e atração, estes últimos, para serem negados, transformam-se de novo em sentimento de hostilidade.

### REFERÊNCIAS

BELAUNDE, Luisa Elvira. A força dos pensamentos, o fedor do sangue: hematologia e gênero na Amazônia. **Revista de Antropologia**. 2006, vol.49, n.1, pp. 205-243. Em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012006000100007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012006000100007&script=sci_abstract&tlng=pt)>.



## IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade  
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

- CLAUDE, Lévi-Strauss. **O cru e o cozido**. Mitológicas 1. São Paulo, CosacNaify, 2004.
- CLEMENS, Juçara. **O COMPLEXO DE ÉDIPO**: Uma crise pela qual todos nós passamos. Em: <<http://vozdapsicologia.blogspot.com>>. Acesso em: 16 de outubro de 2010.
- ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas: **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Do Roraima ao Orinoco**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- LANGARO, Jerri Antonio. Incesto: diferentes narrativas, razões similares. **revista Espaço Plural**. Ano VI - Nº 12 - 1º Semestre 2005
- NASIO, Juan-David. **Édipo**: o complexo que nenhuma criança escapa. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.
- PONTES, Andrea Mello. O tabu do incesto e os olhares de Freud e Lévi-Strauss. **Revista Trilhas**, Belém, ano 4, nº 1, p. 7-14, jul. 2004.
- QUEIROZ, Rachel de. **Dora, Doralina**. 19. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.